

PROVAS DE PROFICIÊNCIA: UMA BUSCA PELO SUJEITO E PELOS SENTIDOS

Ingrid Gonçalves Caseira*

Comunicação apresentada no III Colóquio do PPG-Letras/UFRGS.

RESUMO: *Este trabalho se insere no campo teórico da Análise do Discurso francesa, de Michel Pêcheux, e se propõe um estudo discursivo da leitura e da interpretação em provas de proficiência em espanhol como língua estrangeira. Nosso objetivo é verificar se as leituras produzidas nessas provas são um lugar possível para a inscrição do sujeito e para a movimentação dos sentidos. Com tal finalidade, procuraremos verificar também de que modo o processo tradutório influi nessa leitura e contribui para a produção dos sentidos que aí se constroem.*

PALAVRAS-CHAVE: *discurso – leitura – língua estrangeira*

RESUMEN: *Este trabajo, inserto dentro del campo teórico del Análisis del Discurso que sigue la línea francesa de Michel Pêcheux, se propone como un estudio discursivo de la lectura e interpretación en exámenes de suficiencia en español como lengua extranjera, con el objetivo de verificar si las lecturas producidas en estos exámenes dejan un lugar posible para la inscripción del sujeto y para el movimiento de los sentidos. Con tal finalidad, buscaremos, además, verificar de qué modo influye el proceso de traducción en esta lectura y contribuye a la producción de los sentidos que ahí se construyen.*

PALABRAS-CLAVE: *discurso – lectura – lengua extranjera*

QUESTÕES INICIAIS

O presente trabalho se insere no campo teórico da Análise do Discurso francesa (doravante AD) e tem como foco o estudo da leitura e da interpretação em língua estrangeira (LE). Nosso objetivo é analisar como se dá o processo de leitura e interpretação em provas de proficiência em língua espanhola, ou seja, em provas de leitura em LE que são consideradas como uma das condições necessárias para o ingresso a cursos de Mestrado e Doutorado em nossas universidades.

A partir da análise de leituras produzidas em uma questão presente em uma dessas provas¹, buscaremos compreender como se dá o processo de produção de

* Programa de Pós-Graduação em Letras – UFRGS. Mestranda em Teorias do Texto e do Discurso; Máster de Espanhol como Lengua Extranjera; Especialista em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa. Email: ingrid.caseira@gmail.com

¹ A questão analisada neste trabalho foi retirada de uma prova aplicada no ano de 2010, em uma das mais importantes instituições de ensino de Porto Alegre. A fim de preservar a instituição, e visto que nosso foco é unicamente o de pensar o funcionamento da leitura e o lugar do leitor no interior dessas provas, não daremos maiores detalhes sobre a instituição em questão. Aproveitamos, no entanto, para agradecer às instituições que nos forneceram o *corpus* desta pesquisa, já que não foram todas as Universidades com as quais fizemos contato que contribuíram com a proposta deste trabalho – recorte de nossa dissertação de Mestrado, em andamento.

sentidos neste *corpus*, ou seja, de que forma o leitor significa a partir das respostas que confere às questões que lhe são oferecidas para leitura.

É necessário salientar, no entanto, que todas as leituras analisadas neste trabalho passam inevitavelmente pelo processo da tradução, visto que essa prática, neste *corpus*, é indissociável da prática da leitura em língua estrangeira. Os sujeitos-leitores necessitam ler para responder às questões que são solicitados a responder e, ao produzir a escrita de suas leituras, traduzem, já que há uma correspondência direta entre trechos do texto e a resposta esperada – e dada pelos leitores – a essas questões. Nestes casos

É nosso objetivo, ainda, investigar se as provas de proficiência são um lugar possível para a inscrição do sujeito e dos sentidos ou se são apenas um lugar para a repetição e reprodução.

Dessa forma, cabem os seguintes questionamentos: ao responder às questões da prova, nas quais não é necessário mais do que uma mera repetição do texto-base (TB), todos os leitores o fazem da mesma forma? O que muda e o que se repete? Que outros sentidos se produzem aí? De que maneira o sujeito se insere nesse espaço? Ou melhor: há espaço para a inserção do sujeito-leitor no espaço estabelecido para sua resposta? aA

Conforme nos lembra Orlandi (1994), a Análise do Discurso é um dispositivo teórico que visa a apreender e a analisar gestos de leitura, ou seja, é um lugar teórico desde onde se observam os processos de significação que constituem o texto, a forma como o texto, através de seus mecanismos de funcionamento, produz sentidos. Vale lembrar, porém, que esses mecanismos não são apenas internos ao texto: eles o constituem, mas não se reduzem a ele.

De acordo com, Indursky (2001), a exterioridade, isto é, o contexto, a intertextualidade e o interdiscurso, embora não seja transparente, é parte constitutiva do texto. Assim, desde a perspectiva da AD, não se pensa o texto como fonte única dos sentidos, como tampouco se pensa o sujeito – autor ou leitor, neste caso – como origem ou fonte de seu dizer. Para a AD, o texto tem história, assim como têm história também os sujeitos e os sentidos.

A interpretação, pensada sob este ponto de vista, portanto, mais do que mera reprodução ou decodificação, significa filiação histórica, ou seja, significa identificação a determinadas redes de sentidos e não a outras. É isso que faz com que diferentes leitores façam leituras diferentes para um mesmo texto e que os sentidos possam sempre ser outros, diferentes daqueles previamente estabelecidos.

O papel exercido pelo leitor, neste caso, não é o de mero receptor daquilo que o autor, segundo suas intenções, quis dizer em seu texto, o leitor é também participante ativo no processo de produção dos sentidos, podendo tanto identificar-se com os sentidos produzidos pelo autor, ou seja, com a posição-sujeito assumida pelo sujeito-autor do texto, como também pode questionar, discutir e até mesmo se desidentificar completamente e significar diferentemente. É isso que vai instaurar, de acordo com Indursky (id., p. 35), a “prática discursiva da leitura”.

Para nós, portanto, a interpretação não é uma questão de certo ou errado, ela é espaço para a movimentação dos sentidos e dos sujeitos, espaço a ser percorrido pelo leitor.

No caso das provas de proficiência, o leitor produz sua leitura para alguém, a quem necessita demonstrar proficiência em língua estrangeira e precisa mostrar que sabe, que entendeu o que leu, sendo assim, ele vai atrás desses sentidos. Se a língua materna deixa lacunas a serem preenchidas no ato da leitura, a língua estrangeira também deixa esse espaço, que pode ainda ser agravado devido à diferença de historicidade que constitui cada uma das línguas. Portanto, há um espaço lacunar para a interpretação, há um espaço lacunar para a tradução, há uma incompletude que é constitutiva das línguas e há um desnível entre uma língua e outra, que é gerado pela diferente historicização constitutiva de cada uma das línguas, que vai ser preenchido diferentemente por diferentes sujeitos.

Por outro lado, o imaginário que tem esse leitor sobre leitura, e particularmente sobre leitura em língua estrangeira, e, ainda, o imaginário que tem sobre a prova que está realizando é que vai determinar a forma como ele vai produzir sua leitura. Esse imaginário vai apresentar-se materialmente nas respostas dadas por esses leitores às questões que devem responder. Se, para alguns, a leitura é uma atividade de cópia e colagem, como vimos acontecer em muitas das provas que analisamos, veremos que é desta forma que sua leitura vai se materializar. É o objetivo que vai guiar a prática, nesse caso. Se o objetivo aqui é demonstrar proficiência em língua estrangeira, é o imaginário sobre o que seja demonstrar essa proficiência que vai ser posto em prática.

Vejamos um pouco mais de perto essas questões.

ANÁLISE DO DISCURSO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA

Para pensarmos a leitura, neste trabalho, escolhemos como ponto de partida a seguinte afirmação de Pêcheux:

(...) todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). (PÊCHEUX, 2008, p. 53)

Ao trazermos essa citação, estamos, já de início, assumindo uma postura teórica que nos diz que todo enunciado – todo texto, portanto – é passível de mais de uma leitura, desde que o espaço dado à interpretação seja um espaço possível para a movimentação dos sentidos, para a movimentação do sujeito, para sua inscrição na leitura.

Vista sob esse viés, a leitura pode ser entendida como possibilidade: possibilidade de os sentidos permanecerem os mesmos, mas também de deslizarem, virem a ser outra coisa; possibilidade de o sujeito reproduzir sentidos, identificar-se com determinados saberes, mas também possibilidade de ele (se) dizer diferentemente, assumir posições que não necessariamente são as mesmas do sujeito-autor do texto que lhe é dado para leitura. Enfim, a leitura é possibilidade de permanência, mas também de deslizamentos, contradições, desvios e, até mesmo, transformações de sentido.

Por outro lado, conforme destaca Pêcheux (ibid., p.53), é a ilusão do *logicamente estável* que impede a interpretação, que faz com que se exija do(s) leitor(es) uma leitura singular, sem espaço para a contradição, para o deslize, para a falha e para a manifestação de dizeres outros que não estejam marcados na superfície do texto que se oferece à interpretação.

Para que haja interpretação, é preciso que o leitor possa inscrever seu dizer na história, filiar-se a redes de sentido, às Formações Discursivas² com as quais estabelece relações e que determinam os sentidos que produz, que são a própria possibilidade de sua constituição.

Desse modo, a interpretação, tal como a estamos entendendo neste trabalho, é filiação histórica, afastando-se, portanto, da ideia de modelo regular a ser ensinado e a ser aprendido. O sentido escapa justamente porque o sujeito – que se constitui no e pelo dizer – está historicamente filiado a determinadas redes de sentido e não a outras, a determinadas formações discursivas e não a outras. O que nos permite afirmar, então, que não há uma fórmula através da qual a leitura possa ser controlada e os sentidos possam ser administrados.

É neste sentido que Orlandi vai dizer que “pretendendo-se ensinar leitura, sua aprendizagem deve fazer funcionar a inscrição do sujeito nas redes de significantes” (ORLANDI, 2008a, p.61). Isso significa dizer que o espaço dado à leitura e à interpretação é um espaço dado ao sujeito, e a possibilidade de o sujeito significar é também a possibilidade de ele se constituir como autor de seu próprio dizer.

Para Orlandi, a função de autor é, assim, tocada de modo particular pela história. Conforme a autora:

“...o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações. O que significa que, embora ele se constitua pela repetição, esta é parte da história e não mero exercício mnemônico. Ou seja, o autor, embora não instaure discursividade (como o autor “original” de Foucault), produz, no entanto, um lugar de interpretação no meio de outros. Esta é sua particularidade. O sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável. Ele inscreve sua formulação no interdiscurso, ele historiciza seu dizer. Porque assume sua posição de autor (se representa nesse lugar), ele produz assim um evento interpretativo. O que só repete (exercício mnemônico) não o faz.” (id., 2007, p.69-70)

Portanto, para que o processo da autoria se instaure, é preciso que o sujeito produza um lugar de interpretação, ou seja, que ele assuma uma posição diante do que é chamado a significar. O sujeito se filia a determinadas redes de sentido e sua leitura ganha particularidade enquanto uma posição assumida entre outras. Assim, a autoria, segundo Orlandi, “ao mesmo tempo constrói e é construída pela interpretação” (id.id.p.75)

A autora destaca ainda o fato de que, mesmo que haja repetição, esta é produto da história e não mero exercício mnemônico. Diríamos, nesse caso, que a repetição aqui estaria ligada à ideia de identificação, portanto, de manutenção de sentidos. Para Orlandi, a manutenção dos sentidos estaria ligada à ideia de paráfrase, assim, para a

² Segundo Pêcheux (1975), aquilo que “determina o que pode e deve ser dito” a partir de uma posição dada em uma conjuntura. (idem, p. 166-167)

autora, a paráfrase “mantém o homem num retorno constante a um mesmo espaço dizível” (id. 1987, p.137), em oposição à polissemia, que tenderia para o deslizamento e para o deslocamento dos sentidos. São esses, então, dois processos que nos permitem pensar a leitura neste trabalho e que são também, segundo Orlandi, dois processos fundamentais da linguagem.

As questões trazidas até este momento nos fazem, mais uma vez, pensar nos objetivos deste trabalho e nas questões que o norteiam. Desse modo, perguntamos: há lugar para a produção da interpretação, tal como a estamos entendendo neste estudo, nas provas de proficiência? Há lugar para o sujeito e para a movimentação dos sentidos? O leitor assume uma posição-sujeito, que se diferencia da posição-sujeito assumida pelo sujeito-autor do texto, nessas provas, ou ele apenas repete esta posição? Se ocorre, a repetição que aí se produz poderia se aproximar de uma espécie de exercício mnemônico, do qual nos falava Orlandi, no excerto acima, entendendo-o, aqui, como atividade mecânica de extração de sentidos entre uma língua e outra?

Somente as análises dessas leituras poderão dar conta destas respostas, portanto. Em momento oportuno voltaremos a essas questões.

Seguindo nossas reflexões, dizíamos, no começo deste trabalho, que a leitura produzida no *corpus* que estamos investigando está fortemente aproximada à prática da tradução. Por essa razão, faz-se necessário também tecermos algumas considerações a esse respeito. Trazemos, então, Mittmann, para quem:

“o processo tradutório revela que as bordas dos textos são ilusórias, pois as fendas se mostram a cada trecho a ser traduzido (as chamadas unidades de tradução), explicado, ou mesmo silenciado.” (MITTMANN, 2008, p. 80)

Assim, de acordo com a autora, o processo tradutório é um processo revelador da incompletude do texto, já que nele o tradutor se defronta com a abertura dos sentidos, se vê imputado a decidir entre um caminho ou outro, entre uma palavra ou outra e percebe que nenhuma dessas escolhas abarca necessariamente os sentidos pretendidos. Percebe que aquele texto que parecia tão plano e tão transparente é, na verdade, um processo complexo, que não possui uma correspondência exata entre aquilo que foi dito em uma língua e aquilo que poderia/deveria ser dito em outra, entre aquilo que o autor escreveu e aquilo que o tradutor entendeu.

Esse aspecto levantado por Mittmann, no excerto acima, sobre o processo tradutório revela o que vimos anteriormente em Pêcheux, isto é, o fato de que todo enunciado é passível de tornar-se outro, desde que o espaço dado à interpretação seja um espaço possível para o sujeito. A ilusão da evidência fragmenta-se dando lugar à incompletude, à falta, ao equívoco constitutivo das línguas. E a tradução é um lugar para que isso se marque mais fortemente.

De acordo com Mittmann (2008), a concepção tradicional de tradução, que a entende como transporte, recodificação ou reformulação de uma determinada mensagem, visa a transmitir ao leitor de uma segunda língua o conteúdo codificado pelo autor e está apoiada na concepção de uma língua transparente, unívoca e regular. Assim, segundo a autora, conforme a concepção tradicional, “se há transparência na língua, deve haver também transparência entre as línguas” (ibid., p.61).

É a noção de língua, então, segundo a autora, que vai direcionar a prática da tradução e é ela também que vai direcionar a prática da leitura e da interpretação, é a forma como a língua é concebida que vai direcionar a forma como a leitura é encarada, tanto na perspectiva desses alunos como na dos professores responsáveis pela elaboração e correção dessas provas.

Nosso objetivo aqui, portanto, é lançar um olhar discursivo sobre este *corpus* e procurar entender não o produto, o resultado final obtido pelos alunos nas provas – ou seja, a condição de proficiente e/ou não-proficiente, pois isso já foi feito e foi esse material que chegou até nós. Mas pretendemos compreender o processo de produção de sentidos na leitura aí produzida e se, nesse processo, há lugar para o sujeito, para a autoria.

Analisar a leitura sob o ponto de vista teórico da Análise do Discurso significa pensar, portanto, junto a Orlandi (2008b), que não consideramos nem a linguagem como dado, nem a sociedade como produto. Para nós, elas se constituem mutuamente. Por essa razão é que o estudo da linguagem não pode ser dissociado da sociedade que o produz, pois os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais.

A língua, nessa perspectiva, não é mais entendida apenas como estrutura, mas também como acontecimento, ou seja, como o lugar em que a estrutura linguística e a exterioridade estão imbricadas, materialmente ligadas. Conforme Pêcheux, a língua constitui “a base³ comum de processos discursivos diferenciados” (PÊCHEUX, 1988, p.91). Segundo o autor, o *sistema* da língua é o mesmo para diferentes sujeitos, mas não se pode dizer que diferentes sujeitos tenham o mesmo discurso, pois os processos ideológicos funcionam diferentemente para sujeitos distintos.

É nesse sentido que, conforme destaca Orlandi (2008a), ler é fazer um gesto de interpretação configurado na política da significação. Para a autora, leituras diferentes não são gratuitas nem brotam de forma natural, elas atestam modos de subjetivação distintos dos sujeitos pela sua relação com a materialidade da linguagem.

Todas essas questões nos levam ainda a adotar uma concepção de texto que nos permita sustentar o modo como estamos entendendo a leitura e a interpretação neste trabalho. Nesse sentido, trazemos Indursky, para quem o texto “é o objeto a ser lido, que representa a materialidade linguística através da qual se tem acesso ao discurso” e, ainda, é “uma unidade de análise afetada pelas condições de sua produção, a partir da qual se estabelecerá a prática da leitura” (INDURSKY, 2001, p.28).

Portanto, segundo a autora, o que está em jogo para a AD não é a forma como se dá a organização linguística interna ao texto, mas o modo como ele está organizado em relação à discursividade, isto é, com a exterioridade. E a forma como o leitor se relaciona com esta discursividade presente no texto é que vai determinar a sua leitura. Por conseguinte, diferentes leitores vão produzir leituras diferentes, já que se relacionam diferentemente com a discursividade presente no texto.

Para Orlandi, “(...) nos vestígios da textualização, o sujeito se “ancora”, se “engata”, em um e não outro discurso, em um e não outro sentido” (ORLANDI, 2008a, p.66), e isso resultará em diferentes leituras. Dizer, então, que um texto é heterogêneo

³ Grifo do autor

significa dizer que ele é afetado de múltiplas e variadas formas pela discursividade. Conforme a autora:

“O texto mostra como se organiza a discursividade, isto é, como o sujeito está posto, como ele está significando sua posição, como a partir de suas condições (circunstâncias da enunciação e memória) ele está praticando a relação do mundo com o simbólico, materializando sentidos, textualizando, formulando, breve, “falando”. E a leitura percorre esse processo.” (ibid., p.67)

A interpretação é, nesse sentido, uma relação do sujeito-leitor com a posição-sujeito assumida pelo sujeito-autor do texto, que pode ser de identificação, mas também pode ser de confronto, de oposição. O sujeito-leitor, assim como o sujeito-autor, é um sujeito interpelado ideologicamente, o que significa dizer que em AD o leitor participa igualmente do processo de produção dos sentidos. A interpretação passa a ser vista também como lugar em que o sujeito assume uma posição e, ao significar, também se significa.

Levantados os pontos propostos até aqui, veremos, a seguir, como eles se configuram na prática de leitura dos candidatos à proficiência em língua espanhola.

O TRABALHO DO LEITOR

Cabe começarmos este ponto discutindo um pouco acerca da questão que escolhemos trabalhar em nossas análises. Vejamos: *Explica esta frase: “[...] se titubea entre un carácter profesionalizante [...] y un espíritu cientificista.”*

Explicuemos, em primeiro lugar, o porquê de nossa escolha por esta questão. Ao realizarmos uma primeira observação de nosso *corpus*⁴, percebemos que esta foi a questão em que as leituras mais se diferenciavam umas das outras (dentro do limite que vimos ocorrer nessas provas), a que dava um pouco mais de abertura para que o leitor falasse, expressasse, ainda que muito superficialmente, sua opinião.

Acreditamos que isso se deu pelo uso do verbo *explicar*, que, de certa forma, exige do leitor um maior envolvimento diante do que é chamado a responder – embora tenhamos constatado, nas leituras que realizamos do *corpus*, que o objetivo da questão era de que os candidatos fossem capazes de entender o sentido do verbo *titubear*, não importando se diriam mais do que aquilo que estava dito no texto,.

Alguns candidatos aproveitaram a oportunidade e se expressaram um pouco mais nessa questão, outros explicaram exclusivamente o que lhes foi solicitado explicar.

Em uma observação geral das leituras produzidas, pudemos constatar que alguns ficaram em torno da tradução desse enunciado, outros buscavam no texto algo mais para explicá-lo, mantendo-se, ainda assim, presos aos dizeres – e à forma dos dizeres – do sujeito-autor no texto-base, enquanto raros demonstraram um maior movimento de leitura, que talvez nos permita, nas análises, identificar outros sentidos que não necessariamente aqueles expressos no texto.

⁴ O número total de questões de interpretação apresentadas na prova em análise foi 6, Destas, trabalhamos, neste artigo, com apenas uma.

A fim de organizar, então, esses diferentes gestos de leitura, selecionamos algumas sequências discursivas⁵ (SD) e as organizamos em dois diferentes recortes. São eles:

Recorte 1: O MESMO

Recorte 2: NA REFORMULAÇÃO, O MOVIMENTO DOS SENTIDOS

No recorte 1 – O MESMO –, apresentamos aquelas leituras que simplesmente repetem o texto-base (TB) e se mantêm no nível do mesmo, ou seja, apresentam uma leitura parafrástica em relação ao texto produzido pelo sujeito-autor. No recorte 2 – NA REFORMULAÇÃO, O MOVIMENTO DOS SENTIDOS –, temos aquelas leituras que, embora repitam TB, reformulam o dizer e, algumas vezes, dizem mais, por essa razão, desde nossa perspectiva, produzem diferentes gestos de interpretação.

Explicaremos melhor cada um dos recortes nas análises que desenvolveremos em breve.

Primeiramente, a fim de ajudar na melhor compreensão de nossas análises e dos aspectos que destacaremos das leituras dos nossos sujeitos-leitores, apresentaremos o trecho de TB a partir do qual foi elaborada a questão com a qual trabalharemos:

TB: “Pese a ello, a nivel de las universidades encontramos una incapacidad sostenida al momento de definir y consensuar un perfil claro que genere una delimitación actualizada en la formación del periodista y comunicador social, *se titubea entre un carácter profesionalizante – proveniente de las exigencias del mercado – y un espíritu cientificista*. Por esta razón, por ejemplo, muchos aceptan y exigen que el periodismo se mantenga como una profesión, pero rechazan tajantemente que pueda ser objeto de desarrollo académico y científico, coartando el necesario desarrollo del campo.”

Não realizaremos a análise do texto, visto que os comentários necessários serão feitos no decorrer da própria análise dos recortes. Passemos, portanto, à construção do primeiro recorte⁶ e sua posterior análise.

RECORTE 1: O MESMO

SD1: “Fica em **dúvida** entre um caráter [uma formação]⁷ profissionalizante e um espírito (perfil) acadêmico (pesquisador)”

SD2: Que, ao nível universitário, se tem uma incapacidade de definir um perfil claro na formação de um jornalista e de um comunicador social, **ficando entre** um perfil mais profissionalizante (a partir das exigências do mercado) e um perfil mais científico – teórico.

⁵ Segundo Courtine (1981) as sequências discursivas podem ser entendidas como “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase” (p.25)

⁶ Os desvios linguísticos encontrados nos excertos foram corrigidos devido ao fato de não serem o foco deste trabalho.

⁷ Usaremos os colchetes para indicar os apontamentos que os candidatos fazem à parte do texto que procuram organizar como resposta. Esses comentários são feitos através de flechas e serão sempre representados pelos colchetes daqui em diante.

SD3: Há **dificuldade** por parte das instituições de ensino em **decidir (titubea)** se ensina e prepara os acadêmicos para o mercado de trabalho (caráter profissionalizante) ou se os prepara para ser cientistas (espírito científico).

SD4: O autor comenta que as Universidades não conseguem definir e nem chegar a um consenso do perfil de formação de um jornalista e comunicador social. Eles **hesitam** entre um caráter profissionalizante, proveniente das exigências do mercado e um espírito científico que estaria de acordo com o desenvolvimento acadêmico.

SD5: As dificuldades em definir e chegar a um consenso sobre o papel do jornalista e as delimitações da área de comunicação social/jornalismo leva a uma **oscilação** entre cursos de caráter profissionalizante, voltados para o mercado de trabalho, e uma visão mais científica da área, mais teórica. Há inclusive aqueles que vêem o jornalismo como uma profissão, mas são taxativamente contrários à ideia de que ele possa ser um objeto de estudo acadêmico e científico, o que acaba limitando o desenvolvimento necessário dessa área do conhecimento.

Nas SDs acima destacadas, vemos a manifestação de uma leitura que apresenta a repetição do texto-base. Aqui, os sujeitos-leitores se diferenciam em suas leituras somente pela forma como traduzem o verbo *titubear*, variando entre dúvida, ficar entre..., hesitação, oscilação etc.

É interessante notar, na SD3, por exemplo, a tentativa de controle por parte do sujeito-leitor ao usar os parênteses para indicar que *dificuldade em decidir* é a tradução para *titubear*. Esse sujeito-leitor, além de apresentar a sua explicação para a questão, não satisfeito, ainda procura cercar os sentidos na tentativa de que nada escape e que, desta forma, possa apresentar uma leitura transparente, cuja evidência deve ser atestada e comprovada.

Nas SDs 4 e 5, embora tenhamos não apenas a tradução do enunciado em questão, também o dizer se insere no nível do mesmo, pois os sujeitos-leitores retomam o parágrafo do qual o enunciado faz parte na tentativa de completar sua resposta, saturar os sentidos e não deixar nada por dizer.

Nesse recorte, encontramos, assim, uma leitura parafrástica, que se insere no nível do mesmo, mostrando uma posição-sujeito idêntica à posição-sujeito do sujeito – autor de TB, segundo a qual o perfil profissionalizante remete para as exigências do mercado de trabalho e o perfil científico se refere ao desenvolvimento acadêmico, teórico, pesquisador. Ambos os perfis, segundo o autor, deveriam fazer parte do perfil profissional de todo jornalista e comunicador social, mas não são trabalhados devidamente pelas universidades de jornalismo, que oscilam⁸ entre um e outro.

Poderíamos dizer ainda que esta paráfrase se constroi praticamente em nível linguístico, pois os leitores não se colocam neste dizer, eles apenas reproduzem. Isso nos permite perceber, nesta leitura, o que havíamos comentado no começo deste trabalho, que é a aproximação da leitura realizada nessas provas com o processo da tradução.

É interessante chamar a atenção, neste caso, para a variação de palavras usadas pelos sujeitos-leitores na tentativa de alcançar o sentido do verbo *titubear*, o que nos mostra, mais uma vez, aquilo que já é sabido, mas que algumas vezes se tenta negar,

⁸ É importante destacar aqui que “oscilam” é uma das possibilidades de tradução do verbo “titubear”.

que são as diversas possibilidades de sentido que giram em torno de uma palavra e, ainda, o fato de que não há tradução sem interpretação, que toda e qualquer leitura passa, consciente ou inconscientemente, pelo filtro do sujeito. Entre um *hesitar* e um *oscilar*, no momento de optar entre um ou outro na tradução, há variação de sentido, há subjetividade, há particularidade de leitura.

Isto nos poderia servir para dizer que, de certa forma, há autoria neste recorte, mas preferimos não entender dessa forma as leituras produzidas aqui, pois, desde nosso ponto de vista, a variação de que falamos ocorre por conta da tradução, uma das especificidades da leitura em língua estrangeira – ainda que não deixe de ser também uma marca de subjetividade (não-subjetiva)⁹ –, já que, acreditamos, todas as escolhas feitas são escolhas possíveis para a tradução de *titubear*.

Passemos, então, ao segundo recorte e vejamos em que se distingue a leitura produzida nele.

RECORTE 2: NA REFORMULAÇÃO, O MOVIMENTO DOS SENTIDOS

SD6: É o impasse entre as exigências do mercado de trabalho e os conteúdos do conhecimento científico. Isto é, o mercado quer que os profissionais o atenda numa lógica, numa racionalidade a partir das ações concretas. Por sua vez, a academia deseja que esses profissionais tenham uma visão holística, ampla dos acontecimentos. Essas duas posturas, ações do cotidiano e construção do conhecimento, deveriam estar lado a lado, mas os interesses muitas vezes as distanciam.

SD7: Por não conseguir definir de forma clara as especificidades do profissional que está sendo formado, as universidades vacilam entre insistir na capacitação de um profissional que simplesmente atenda às exigências do mercado e o investimento de uma capacitação de um espírito crítico, cientificista, que não necessariamente encontraria seu espaço no mercado de trabalho.

SD8: Quer dizer que se oscila entre formar um profissional (atendendo as exigências do mercado de trabalho) e um cientista (com perfil investigativo, inovador, vinculado ao trabalho com pesquisa científica).

As SDs que constituem este segundo recorte apresentam um maior movimento de leitura que aquelas vistas no recorte 1. Aqui, embora os leitores não cheguem a produzir rupturas de sentido com relação a TB, eles, ao produzirem reformulações em seu dizers, atestam u maior envolvimento com a leitura que produzem e chegam a assumir posições diante do que são chamados a responder.

A análise da leitura desses recortes nos permite dizer que, para esses sujeitos-leitores, há uma distância entre a formação universitária e a prática que o mercado de trabalho exige, o que vem a coincidir com a posição-sujeito assumida pelo sujeito-autor de TB. Esses dois lados deveriam fazer parte da formação dada pelas universidades ao jornalista e comunicador social, mas, segundo este leitor, não seriaisso que acontece na

⁹ Consideramos subjetividade não-subjetiva porque entendemos que o sujeito não controla totalmente os sentidos que produz. Ele é um sujeito interpelado pela ideologia e é a partir dessa relação que produz sentidos.

prática, e é aqui que está fundada a crítica gerada pelo sujeito-autor e com a qual esses leitores também se identificam.

Porém, diferentemente das leituras analisadas anteriormente, ao mostrar essa distância, esses sujeitos-leitores dizem mais. Na SD6, por exemplo, as ações do cotidiano e a construção do conhecimento deveriam estar lado a lado, mas os *interesses* os distanciam. E aí nos perguntamos: interesses de quem? Interesses em quê? Ao explicar a questão, esse sujeito-leitor traz outros dizeres para o seu texto, faz ressoar outras vozes e diz que o que distancia o conhecimento, a visão ampla dos acontecimentos (que estaria ligada à instituição universitária) das ações concretas, ações do cotidiano (referentes ao mercado de trabalho) são os interesses. Em outras palavras, essa distância é manipulada, há algo mais funcionando que impede que esse casamento – necessário – entre campo prático e teórico não se dê. Esse leitor, porém, não se permite ir além desse apontamento, mas, ainda assim, podemos dizer que, a partir do uso da oração adjetiva explicativa, ele se mostra inserido em seu texto, em sua resposta, e produz um gesto de interpretação.

Já na SD7, temos uma leitura diferente da produzida na SD6. Ao usar termos como *simplesmente*, *investimento*, *capacitação*, *espírito crítico* (vinculado a cientificista) e *que não necessariamente encontraria espaço no mercado de trabalho*, esse sujeito-leitor assume uma posição que se mostra muito mais inclinada à formação cientificista, teórica, que garantiria a capacidade de desenvolver um espírito crítico que “não necessariamente” encontraria lugar no mercado de trabalho. Uma posição-sujeito diferente, pois, da assumida anteriormente.

sujeito

Por fim, na SD8, nos chamou particular atenção o uso de um recurso de pontuação, os parênteses, que é exatamente o lugar em que esse leitor se mostra e, como na SD anterior, se mostra favorável ao desenvolvimento do espírito científico, ao qual atribui as seguintes características: *perfil investigativo, inovador, vinculado ao trabalho com pesquisa científica*. A inovação, assim, segundo este sujeito-leitor, está nos trabalhos de pesquisa, na ciência, na academia. É ela que garante o avanço e as mudanças no mercado de trabalho.

O que podemos concluir a partir das SDs analisadas até aqui é que, de acordo com esses sujeitos, há uma divisão entre aquilo que a academia (a ciência) desenvolve e aquilo que o mercado de trabalho exige, que é o discurso que circula no texto que lhes foi dado à interpretação. Alguns desses sujeitos simplesmente mostram essa diferença, essa distância, da mesma forma que o sujeito-autor. Outros, por sua vez, dizem mais, e, para estes, é no mercado de trabalho que se dá a realidade, é nele que os acontecimentos empíricos se dão, onde se dão as ações concretas etc.; a ciência, assim, é o lugar da teoria, dos conhecimentos específicos, técnicos etc. Há, por outro lado ainda, os que dizem que é na ciência que está a inovação da prática exercida no mercado de trabalho, que é ela que permite o desenvolvimento de um espírito crítico, a visão “ampla” dos acontecimentos.

Com isso, estamos chamando a atenção para o fato de que algumas leituras que aparentemente repetem aquilo que foi dito em TB, apontam, na verdade, para diferentes movimentos de leitura, diferentes posições-sujeito e apontam também para um

movimento de autoria, pois, de acordo com Orlandi (2007), esses autores produzem um lugar de interpretação no meio de outros e aí marcam a sua particularidade.

Esses sujeitos-leitores, desde nosso ponto de vista, não são meros repetidores de TB, mas o espaço que lhes é dado à interpretação é um espaço restrito que não lhes permite ir além. Estes sujeitos-leitores fazem o que podem com o espaço que têm, embora a própria questão induza a essa limitação do dizer.

CONCLUSÃO

O objetivo inicial deste trabalho foi o de analisar como se dá a produção dos sentidos nas leituras produzidas em provas de proficiência em língua espanhola. Ainda, buscou verificar se as provas de proficiência são um lugar possível para a inscrição do sujeito e dos sentidos na leitura que produzem.

Após realizarmos a análise das sequências discursivas que constituíram nossos recortes, aproximamo-nos das possíveis respostas – visto que não há respostas definitivas quando se trata de língua – para as questões que nortearam este trabalho. Vimos, então, nas leituras produzidas no primeiro recorte, uma aproximação bastante forte com a tradução, com o processo tradutório, pois os leitores, ao responderem a questão em análise, buscaram a maior aproximação possível entre as línguas portuguesa e espanhola, variando, em alguns casos, apenas na escolha do léxico correspondente ao verbo *titubear*.

No entanto, ao considerarmos a tradução como um processo discursivo, vimos também que essas escolhas passavam inevitavelmente pelo filtro do sujeito, pelo gesto interpretativo e que, por essa razão, as leituras, ainda que se mantivessem no nível do mesmo, funcionavam diferentemente para diferentes sujeitos. Ainda assim, não chegamos a entender as leituras produzidas nesse recorte como gestos de autoria, já que não encontramos uma maior inscrição do sujeito nas leituras que produziram

A análise dos gestos de leitura presentes na questão aqui investigada levou-nos também à construção de um segundo recorte, onde os sujeitos, ao repetirem os dizeres inscritos em TB, diziam mais e, dessa forma, inseriam-se na leitura que produziram, apresentando movimentos de sentido diferentes daqueles produzidos pelo sujeito-autor de TB. Nesse caso, encontramos leituras que nos permitiram entendê-las como gestos de autoria, em que há a inscrição do sujeito, em que os sujeitos-leitores, ao responder a questão que lhes é dada para leitura, produzem gestos de interpretação e assumem posições-sujeito que não são, necessariamente, as mesmas presente em TB.

Entendemos então que, embora o objetivo dessas provas seja o de buscar verificar a competência de leitura do leitor em língua estrangeira, a sua capacidade de entender os sentidos de um texto, a leitura é sempre atravessada pela exterioridade, o sujeito é sempre afetado pelo ideológico e há sempre, conforme nos dizia Pêcheux (2008), no texto, no enunciado, pontos de deriva possíveis por onde os sentidos podem deslizar, derivar para um outro, ainda que o espaço dado à interpretação seja um espaço bastante restrito, como o é, no caso das provas de proficiência.

- INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNEST-PEREIRA, A., FUNK, S. B. (Org.) *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001.
- MITTMANN, Solange. Autoria e tradução: da dispersão às identificações. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (Org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto*. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2008a.
- _____. *Discurso e Leitura*. 8ª ed. São Paulo. Cortez, 2008b.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- _____. Uma amizade firme uma relação de solidariedade e uma afinidade teórica. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org). *Gestos de leitura: Da História da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 7-14.
- _____. *A Linguagem e seu Funcionamento; as formas do discurso*. 2ª ed. Rev. aum. Campinas: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, Michel.
- O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.
- _____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi; Lourenço Chacon Jurado Filho; Manoel Luiz Gonçalves Corrêa; Silvana Mabel Serrani. 4ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.